

***Elsa Oliveira Dias: resenha sobre A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott, de Jan Abram***

***Abram, J. (2000). A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. (Traduzido por Marcelo Del Grande da Silva) Rio de Janeiro: Revinter.***

**Elsa Oliveira Dias**  
IBPW/IWA

### **Nota sobre resenha**

A resenha que ora se publica neste Boletim, sobre o livro de Jan Abram, *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*, foi publicada, pela primeira vez, em 2002, um ano após o aparecimento do livro em sua tradução para o português. Passaram-se, portanto, 21 anos. A decisão de publicá-la novamente deveu-se a alguns fatores conjugados, dos quais o principal é o fato de o Boletim ter a função de reunir tudo o que se refere a Winnicott no Brasil. Além disso: 1. a revista em que a resenha foi publicada, em 2002, não existe mais; a instituição que a mantinha fechou, de modo que a resenha tornou-se inacessível. 2. A resenha tinha em vista não só o livro escrito por Jan Abram, mas também a sua tradução para o português. Como fiz referência a essa resenha numa outra, que escrevi e publiquei em 2022, a propósito do lançamento pela UBU da nova edição do livro de Winnicott *Da pediatria à psicanálise*, achei que seria útil essa resenha sobre o livro de Abram estar disponível.

Já não era sem tempo o surgimento de obras dedicadas à explicitação dos conceitos winnicottianos e é a isso que se propõe o livro de Jan Abram, *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*, lançado na Inglaterra em 1996, pela Karnac Books, e traduzido agora para o português, em edição da Revinter. Um trabalho desse teor faz-se necessário sobretudo porque, embora já se tenha afirmado, inúmeras vezes, a unidade e coerência do pensamento de Winnicott, suas contribuições originais para a psicanálise não chegaram a ser apresentadas, por ele próprio, de forma sistemática e unitária, achando-se, ao contrário, dispersas na totalidade da obra. Um dicionário como o de Abram ajuda o leitor a rastrear e interligar alguns de seus pontos de vista básicos.

Com um intuito bem delimitado, indicado com precisão pelo título e subtítulo, o dicionário discorre sobre conceitos fundamentais do autor, esclarecendo o sentido e o uso específico de expressões que constituem a sua marca registrada. A autora escolheu 22 itens considerados como os principais temas do pensamento winnicottiano: agressão, ambiente,

tendência antissocial, brincar, comunicação, criatividade, dependência, depressão, ego, jogo da espátula, *holding*, mãe, ódio, preocupação, preocupação materna primária, psique-soma, jogo dos rabiscos, regressão, *self*, continuidade de ser, capacidade de estar só e fenômenos transicionais. Em cada um dos itens, Abram fornece, inicialmente, um resumo do que seria o essencial do tema. A seguir, como está anunciado na Introdução do livro, é apresentada “uma lista de conteúdos em que estão indicados temas pertinentes, seguida de breve definição da palavra ou expressão”. Expõe o conceito em seus vários aspectos, tece seus próprios comentários e, como bem cabe a um dicionário desse tipo, apresenta extensas citações dos textos originais, o que permite ao leitor, sobretudo o iniciante, entrar diretamente em contato com a forma bastante característica de se expressar do autor. Além disso, indica os textos originais em que o interessado pode encontrar as referências teóricas e bibliográficas mais relevantes para o tema em questão. Quando se faz oportuno, aponta a diferença entre a posição de Winnicott em relação à psicanálise tradicional ou ainda localiza o momento histórico - tanto da Inglaterra como da Sociedade Britânica de Psicanálise - em que o conceito foi desenvolvido. Em alguns itens, embora infelizmente nem sempre, a autora apresenta o desenvolvimento do conceito, respeitando a historicidade do pensamento winnicottiano. Foi o próprio Winnicott que salientou, em meio às suas proposições teóricas, que “o leitor deve formar uma opinião pessoal sobre estas questões, depois de estudá-las tanto quanto possível *através do seu desenvolvimento histórico*, que é a única forma de uma teoria, num dado momento de seu progresso, mostrar-se inteligível e interessante.” (1988, p. 60, grifo meu).

O livro contém, ainda, uma bibliografia alfabética e cronológica da obra de Winnicott, compilada por Harry Karnac. Uma informação adicional: após a edição do livro, chegou às mãos da autora uma outra bibliografia, ainda mais completa, compilada por Knud Hjulmand, do Departamento de Psicologia da Universidade de Copenhagen. Jan Abram, gentilmente, enviou-a para ser publicada em *Natureza Humana*, de modo que ela consta agora do n. 2, volume I, 1999, dessa revista.

Vários itens do dicionário de Jan Abram destacam-se pela qualidade de análise conceitual. Estes referem-se, em geral, aos temas já consagrados do autor ou àqueles que mereceram de Winnicott artigos a eles especificamente dedicados. A esse grupo pertencem, por exemplo, os itens “Agressão”, “Dependência”, “Depressão”, “Jogo dos rabiscos”, “Mãe”, “Ódio”, “Psique-soma”. Há passagens preciosas em vários subitens, como, por exemplo, no item “Mãe” em que a autora não apenas aborda os vários aspectos da questão, atendo-se ao essencial do tema, como escolhe com muita precisão as citações mais significativas, retiradas dos textos mais diversos.

O item “Agressão”, além de bem estruturado, foi particularmente favorecido por referências históricas. Começa por uma breve apresentação do modo como o conceito de agressão foi concebido na psicanálise tradicional, incluindo o debate interno à Sociedade Britânica de Psicanálise, entremeado por citações de Winnicott em que este se posiciona em relação às formulações teóricas precedentes. Em seguida, a autora resume os vários aspectos da teoria winnicottiana da agressividade e destrutividade humanas. O que destoa do conjunto é o subitem final “A pulsão de morte e o pai”. Aqui, o tema central é injustificadamente desviado para a questão do pai, relativa ao papel que este ocupa no processo de integração, o que mereceria, a meu ver, ter seu próprio lugar num verbete à parte.

Um item primoroso é o que descreve a questão do psique-soma. O tema é extremamente complexo, difícil de ser brevemente descrito, mas a autora foi capaz de reunir o essencial da concepção de Winnicott sobre a existência psicossomática e do lugar que aí ocupa a mente; contempla, ainda, com clareza e precisão, o processo de personalização e descreve o que ocorre quando do fracasso dessa conquista: os distúrbios psicossomáticos e/ou a cisão de tipo *split-off intellect*.

Em alguns itens, no entanto, a autora já não foi tão feliz na sua exposição das ideias winnicottianas. Primeiro porque, neles, ao invés de contemplar os aspectos essenciais do tema que está sendo descrito, ela se desvia para aspectos secundários à questão ou envereda por temas que poderiam até ser pertinentes numa longa exposição, mas inteiramente acessórios numa apresentação condensada. A isso vem se juntar uma escolha nem sempre bastante acertada de citações, seja porque, destinadas a apresentar a concepção mais acabada do autor sobre o tema, foram retiradas de trabalhos que pertencem a uma etapa inicial do seu pensamento e, desse modo, não são representativas, seja porque consistem em afirmações demasiadamente específicas, relativas a uma certa problemática que não deve ser transplantada para outro tema, seja, finalmente, porque expressam ideias inteiramente laterais, que foram ultrapassadas pelo próprio autor. Um exemplo dessa inadequação é o subitem “Três *selves*”, do item “Self”. Encontra-se aí citado um trecho do artigo de 1950, “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional”, em que, *a propósito da agressão*, Winnicott refere-se à existência de três *selves*. Em nenhum outro momento de sua obra Winnicott volta a essa ideia e a autora tem o cuidado de assinalar esse fato. Mas, ao abrir um subitem para expor essa ideia lateral e ultrapassada, fazendo-a acompanhar da citação correspondente, ela desvia o leitor para o tema da agressividade que não pertence diretamente à problemática do si-mesmo (*self*).

Também o item “Ambiente” deixa a desejar. Nele, mais do que expor a revolucionária posição de Winnicott acerca da importância do ambiente e as características essenciais do

ambiente facilitador — algumas das quais só poderão ser apreendidas do subitem dedicado ao *setting* analítico concebido como ambiente facilitador —, a autora se detém sobretudo nos problemas que advém da falta e/ou das falhas ambientais e não tanto no aspecto positivo que é o ambiente, sendo facilitador, estar participando diretamente da formação da personalidade do indivíduo. Disso decorre que questões centrais do pensamento winnicottiano, merecedoras de destaque, comparecem como subitens, ao mesmo tempo em que fica negligenciada a contribuição positiva do ambiente como elemento essencial na constituição do indivíduo e dos sentidos de realidade.

Plenamente convencida da originalidade de Winnicott, o que pode ser facilmente apreendido da leitura do seu dicionário, Jan Abram não chega a reconhecer que o pensamento desse autor opera uma *mudança paradigmática* na psicanálise, como vem sendo apontado nos círculos que cultivam, no Brasil, os estudos winnicottianos. Além disso — e este me parece ser o problema central da obra —, apesar de ter empreendido a tarefa notável, e bem sucedida no que se propõe, de estabelecer conexão entre os conceitos, o seu livro se ressent da falta de uma *interpretação unitária* do pensamento do autor. Essa falta se revela, em primeiro lugar, pela ausência de certos conceitos centrais de Winnicott na listagem principal e, em segundo lugar, por certas interpretações que merecem reparo.

A teoria do processo de amadurecimento, por exemplo, que, segundo o próprio Winnicott, é “a espinha dorsal” do seu pensamento psicanalítico, não consta como um dos verbetes principais do livro, sendo mencionado apenas aqui e ali, em geral nas citações do próprio autor. Aliás, estão também ausentes da listagem central outros temas essenciais do pensamento winnicottiano como objeto subjetivo, elaboração imaginativa, agonias impensáveis, trauma, psicose, autismo ou esquizofrenia infantil, complexo de Édipo, moral, consultas terapêuticas, apresentados como meros subitens ou apenas mencionados no interior destes. A teoria das psicoses, por exemplo, que, no entender do próprio autor, constitui uma de suas principais contribuições ao pensamento psicanalítico, comparece como subitem no item “Ambiente” e no item “Tendência antissocial”. Falta ainda, curiosamente, apesar do título do livro, o verbete sobre linguagem, tema ao qual Winnicott dedicou uma atenção não negligenciável embora tipicamente difusa ao longo de sua obra.

Se o processo de amadurecimento tivesse sido consistentemente considerado, a autora não poderia dizer, por exemplo, que “os fenômenos transicionais ocorrem desde o início, antes mesmo do nascimento”, afirmação que contraria a própria definição desses fenômenos como “intermediários”, ou seja, a meio caminho entre a realidade subjetivamente concebida e a realidade objetivamente percebida. Também não poderia afirmar que “a criatividade se origina

a partir do impulso amoroso primitivo", o que é um erro, e muito menos que ela “se choca com a necessidade de reparação, como foi exposta na teoria da ‘posição depressiva’ de Melanie Klein” (p. 225). Da perspectiva do processo de amadurecimento, não se pode dizer que o “impulso amoroso primitivo” *se choca* com a necessidade de reparação. Trata-se de momentos diferentes de um mesmo processo. No início, o bebê é incompadecido; fazendo as conquistas pertinentes aos estágios anteriores, ele chega ao estágio do concernimento, ou seja, torna-se responsável pela sua impulsividade instintual e passa a ter, aí sim, a necessidade de “reparação”, embora Winnicott prefira, nesse caso, falar em necessidade de “remendar” (*mend*), verbo correspondente à descrição de que, nos momentos excitados, o bebê faz “buracos” (*holes*) no corpo “cheio de riquezas” da mãe.

Creio que é pelo mesmo motivo que, já na Introdução, Abram oferece uma apreciação demasiadamente tímida do alcance da obra de Winnicott. Resumindo o que seria “a contribuição fundamental do autor ao pensamento psicanalítico”, menciona três áreas: a relação mãe-bebê, a criatividade primária e os objetos transicionais. No pensamento winnicottiano, essas “três áreas” só revelam seu pleno sentido se reunidas no processo de amadurecimento pessoal. Além disso, o modo como a relação mãe-bebê é mencionada, faz pensar que se trata de mais um elemento conceitual a ser acoplado ao já instituído saber psicanalítico. Ora, a ideia winnicottiana de que as estruturas fundamentais da existência estão sendo constituídas num estágio inicial, no interno de uma *relação dual* — e nem mesmo dual porque, no início, trata-se do dois-em-um do mundo subjetivo — constitui-se num elemento teórico propriamente revolucionário pois destitui o complexo de Édipo de sua função constituinte.

A timidez da interpretação de Abram está de novo presente na afirmação de que “não há nada que seja realmente novo nas ideias de Winnicott sobre a função do pai”. (p. 23). Ora, se durante todo o período em que se estabelecem “as bases da saúde psíquica” a relação é dual, se as conquistas pertinentes a esse período não são mais entendidas como pré-edípicas, pois seu sentido não se relaciona do modo algum com a questão edípica, então o lugar do pai, em Winnicott, é inteiramente diferente do da psicanálise tradicional. Tudo isso é referente aos estágios em que a personalidade está sendo constituída já que, uma vez atingido o estágio edípico, o pai ocupará o lugar preconizado pela teoria tradicional do Édipo, modulado, contudo, por toda um história que ele teve com sua criança..

Um último exemplo: na Introdução, lê-se que Winnicott “não especifica com clareza suficiente suas próprias opiniões a respeito da teoria das pulsões em Freud, embora discordasse com veemência do ponto de vista kleiniano, segundo o qual a pulsão de morte seria inata.” (p. 2). Em primeiro lugar, Winnicott não deixa dúvidas quanto à sua posição sobre a teoria das

pulsões freudianas, de vida e de morte. Para corroborar isso, temos a sua afirmação explícita numa carta a Money-Kirle, de 1952, onde está dito que “é uma pena Melanie ter feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com as pulsões de vida e a de morte, que são, talvez, o único erro [*blunder*] de Freud”. Em segundo lugar, Winnicott não apenas nega que a pulsão de morte seja inata; ele nem mesmo admite que seja um conceito necessário.

Em termos de concisão e precisão da análise conceitual, fruto de longa maturação teórica, o livro de Abram não chega a ser o que é o *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis. Isso é compreensível tendo em vista que o pensamento de Winnicott, cuja importância e originalidade só começaram a ser reconhecidas há duas décadas, ainda não foi objeto de exegese suficiente. Mas, certamente, é muito melhor do ponto de vista da apresentação do pensamento do autor do que, por exemplo, o livro de Alexander Newman, *Non-compliance in Winnicott Words*, editado pela Free Association Books, em 1995. De qualquer modo, e apesar dos problemas apontados e da ausência de uma concepção unitária da totalidade da obra de Winnicott, o livro de Jan Abram constitui-se num instrumento de trabalho muito útil para todos os que se interessam pelo pensamento de Winnicott.

A tradução brasileira, entretanto, não ajuda a que se aproveite o que, nessa obra, há de realmente positivo. Contém erros primários, grosseiros, que pecam em pontos cruciais, dificultando em muito a inteligibilidade do texto e da teoria exposta, além de induzir a equívocos graves. À página 16, por exemplo, referindo-se a um aspecto da teoria da agressividade, a autora afirma tratar-se de um dos elementos conceituais mais “*ingenious*” isto é, engenhosos, agudos, da teoria winnicottiana. Na tradução, lê-se que é dos mais “ingênuos”. Na página 27, há uma citação de Winnicott em que este descreve o modo pelo qual, sem saber, Freud teria contemplado, em sua concepção do *setting* analítico, características do ambiente facilitador. Em um dos aspectos elencados, Winnicott afirma que o analista expressa amor ao paciente através do seu interesse positivo e expressa “*hate in the strict start and finish and in matter of fees.*” Ou seja, o ódio do analista é expresso pelo começo e fim estrito da sessão e nas questões relativas ao pagamento. Na tradução, lê-se que “o ódio, rigorosamente, tem um início e um fim com a questão do pagamento”. Ainda no item sobre agressividade, à página 6, a autora cita um trecho de Winnicott e comenta em seguida que “Winnicott is referring to Melanie Klein’s seminal paper, *Envy and Gratitude*, and his main point is that envy comes about the infant as a result of emotional development in relation to the environment (...)” O “*his main point*” refere-se a Winnicott mas, tendo sido traduzido por “*cujo* ponto principal (...)”, faz a frase referir-se à Melanie Klein. À página 20, falando sobre a sobrevivência do objeto, a autora diz que “*this means that the object (...) does not retaliate by rejection or punishment*”, ou seja,

o objeto “não retalia através de rejeição ou punição”; o verbo, contudo, foi traduzido na forma passiva “não sofre retaliação”, o que altera por completo o sentido. No item “Ambiente”, a autora afirma que “annihilation occurs because of a threat *to* the isolation”. Invertendo por completo o sentido da frase, lê-se, na tradução, que “a aniquilação dá-se por causa de uma ameaça *de* isolamento do núcleo do self” (p. 31). Um último exemplo: à página 234, encontramos o termo *formlessness*, isto é, ausência de forma, amorfia, traduzido de maneira imprópria por disformidade, ou seja, a qualidade do que é desmedido, descomunal, monstruoso. Em várias passagens, a frase, que deveria ser negativa, é afirmativa, ou vice-versa. Na Introdução (pág. 2), assinalando que a teoria winnicottiana parte da concepção de que, no início, não se pode considerar o bebê isoladamente, mas apenas no interior da relação mãe-bebê, a autora acrescenta que “this took psychoanalysis *away from* viewing the individual in isolation (...)”. Na tradução, lê-se que “Isso fez com que a psicanálise *considerasse* o indivíduo isoladamente...”.

Um problema adicional ocorreu com a tradução dos termos técnicos. Não é admissível, por exemplo, traduzir “*one-body*”, que descreve o dois-em-um da relação *sui generis* que o bebê tem com a mãe, no estágio inicial, por “unidade corporal”; nem tampouco *ego relatedness* por “afinidade egóica”. Além disso, negligenciando as traduções brasileiras da obra de Winnicott — sobretudo aquelas que exaustivamente buscaram não desvirtuar os matizes de significado dos termos originais, como se comprova pelas “Notas introdutórias à tradução”, seja no *Natureza humana*, seja no *Da pediatria à psicanálise*, ambos da Imago — o tradutor usa termos que até poderiam ser corretos não se tratasse de Winnicott, sem justificar a escolha, o que provoca total estranheza no leitor habituado à linguagem de Winnicott. Já é consenso que o termo *impingemnt* significa invasão ou intrusão, e não choque, como quis o tradutor. À página 9, encontramos *ruthless* traduzido por cruel e *concerned* traduzido por implicado. Dois erros graves numa pequena frase: “Assim, o self cruel antecede o self implicado”.

Pelo fato de um termo-conceito, essencial ao tema, ter sido erradamente traduzido, certos itens ficaram particularmente prejudicados pela tradução. Nos itens “Agressão” e “Preocupação”, por exemplo, *ruthlessness* foi traduzido por “crueldade” (de acordo com a primeira tradução de *Da pediatria à psicanálise*, hoje felizmente corrigida pela competente e cuidadosa tradução de Davy Bogomoletz), o que induz a uma total confusão teórica. Winnicott usa *ruthless* (“incompadecido”, como prefiro, ou ainda “sem piedade” ou “sem compaixão”, como prefere Bogomoletz), exatamente para assinalar que, durante os estágios iniciais, não sendo ainda um eu separado do não-eu, não estando ainda da posse de intencionalidade e não tendo ainda alcançado o sentido de realidade externa e, portanto, não sabendo da existência da

mãe como objeto externo, o bebê assalta a mãe nos estados excitados, sem ter, contudo, nenhuma intenção de causar os “estragos” ou “buracos” que faz nela. O termo vem justamente corrigir a tese kleiniana do que seria uma “crueldade” inicial. De resto, a autora explicita muito bem a ideia de winnicottiana de que não se pode falar de agressividade na ausência de intenção de agredir.

Em sua apreciação do livro de Jan Abram, André Green congratula-se com ela por entender que esse trabalho vem evitar “uma compreensão equivocada” do pensamento de Winnicott que, segundo o próprio Green, “é, verdadeiramente, o grande pensador da psicanálise depois de Freud.” (contracapa). Concordo com a proposição de que Abram deu passos decisivos nessa direção; contudo, é preciso dizer que, infelizmente, a tradução brasileira anulou uma boa parte de sua contribuição e, na verdade, não se presta para aquilo para o que foi concebido: facilitar a pesquisa sobre o pensamento de Winnicott. A obra de Jan Abram deve ser lida, preferencialmente, no original.